DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Grupo de Propaganda da Escola Moderna
RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO OFFICIAL DE PROPAGANDA
SECÇÃO DE LIVROS
Folhetos, Revistas e Jornaes
Caixa Postal 2557 RIO DE JANEIRO

Lucta Social

QUINZENARIO ANARCHISTA

ANNO I | Numero avulso 100 reis | RIO DE JANEIRO, 4 DE JUNHO DE 1922 | NUMERO 3

Int. Instituut voor Soc. Geschiedenis Amsterdam

União Anarchica Italiana

Solidariedade com a Revolução Russa

Trabalhadores!

No momento em que a burguezia internacional, com os seus governos militaristas, vai reunir-se em Genova para representar um novo acto da vergonhosa comedia iniciada logo após a tragedia da guerra, e na qual os paizes pobres, os paizes mais proletarios, mesmo os — "vencedores" — continuarão a desempenhar o papel de criados brancos e maltratados, é dever dos anarchistas reclamar a vossa attenção para um dos aspectos mais equivocos desta nova combinação da diplomacia estatal e capitalista.

Os Estados capitalistas convidaram á conferencia de Genova, junctamente com os *governos* dos povos vencidos, o *governo* denominado sovietista da Russia revolucionaria.

O convite foi endereçado pessoalmente a Lenine, o chefe do partido dominante na Russia desde a revolução de Outubro de 1918 até hoje; ao mesmo Lenine tão diffamado, durante a guerra, pela imprensa burgueza.

E' indifferente que o expoente maximo da dictadura russa compareça pessoalmente.

A significação do convite é que tem importancia: é a revelação de que o mundo burguez cede, pactua mais ou menos e recebe nos seus supremos conselhos diplomaticos a representação "official" de um Estado que *ainda* se pretende communista, revolucionario e proletario.

Quiçá, até certo ponto, isso signifique haver a burguezia occidental começado a comprehender a impossibilidade de qualquer restauração do mundo europeu sem o concurso productor das nações orientaes e de um paiz como a Russia, porção tão extensa do nosso continente.

E, com esse, um outro fim, duplice, de duas faces, é tambem visado: — os Estados capitalistas illudem as suas populações opprimidas, persuadindo-as de que lhes prestam homenagem, tratando com um governo *intitulado* proletario, e, ao mesmo tempo, matam definitivamente a pouca esperança revolucionaria que o nome da Russia ainda desperta na classe trabalhadora, mediante proprio governo russo, attrahindo-o, tornando mais garantida a sua cumplicidade na lucta contra os povos e na participação do manejo dos negocios do capitalismo internacional.

Por outro lado, o convite ao *governo* russo para, em torno do mesmo tapete, vir discutir com os *governos* burguezes, significa que, apercebidos agora de que aquelle lhes é em tudo igual, estes não o temem mais, e que o regimen estatal e capitalista só tem a lucrar pactuando com elle.

Infelizmente, têm razão, pois, em verdade a politica russa, interna e externa, restabelece, cada vez mais, a politica de classe privilegiada, a politica de uma casta governamental, é cada vez mais igual a que tyranniza e explora a maioria proletaria de todos os outros paizes.

Estas palavras dictadas pela mais evidente realidade nos queimam os labios. Desejariamos que assim não fosse, mas occultar-vos a verdade seria um crime. Demais, se vos dizemos que já agora só o rotulo do governo russo é communista e revolucionario, se vos revelamos que, em substancia, é por seu intermedio que *hoje na Russia, está triumphante a contrarevolução organizada por essa minoria que logrou se consolidar no poder*; se vos desnudamos tão triste verdade, não é de certo para apoiar as velhas dominações que ainda nos opprimem, nem para lastimar o feroz governo tzarista, e muito menos porque desconhecamos a immensa importancia da Revolução Russa.

Companheiros trabalhadores.

A nossa solidariedade com o heroico povo russo, que, com duas revoluções em um anno, derribou, preliminarmente, o regimen aristocratico e depois o regimen burguez, permanece intacta.

Fomos e continuamos solidarios com o povo heroico que realizou a maior revolução da historia e, — qualquer que seja o governo ora substituindo o deposto, — contra os governos e a burguezia dos demais paizes — (a começar pelo nosso governo e a nossa burguezia) — que, por todos os meios, desde a guerra infame dos seus apaniguados até o infamissimo bloqueio economico, causa da morte, pela fome, de tantos proletarios russos, têm procurado destruir a nova vida da Russia.

Somos solidarios com a Revolução Russa, não só por haver derribado o antigo regimen, como tambem por toda a lucta heroica posteriormente sustentada contra as insidias da democracia burgueza, social-patriotica, social-reformista, e contra todos os crimes dos bandos reaccionarios a soldo dos governos burguezes.

Se hoje consideramos o actual governo russo como um novo inimigo da causa proletaria, é ainda e sempre por solidariedade com a Revolução, que, presentemente, não é — (e parece nunca ter sido) — representado por esse governo, mas, bem ao contrario, se personifica nas minorias anarchistas, socialistas e communistas, em franca opposição, e por isso martyrizadas, encarceradas e fuziladas.

E' indubitavel que os Estados burguezes já não temem uma Russia revolucionaria; entre elles, porém, alguns ha, expoentes da burguezia mais avida, feroz e reaccionaria, aos quaes não basta o espectaculo da Revolução Russa reprimida e subjugada pelos seus dictadores; querem aproveitar a supposta debilidade militar russa, o desalento de um povo esfaimado para suscitar nova guerra contra aquella infortunada nação. Seus anhelos imperialistas são reduzir a Russia a uma especie de colonia, a um Estado tributario, fraccionando-lhe o territorio e submettendo-o á sua hegemonia nacionalista, economica e militar.

Um desses Estados, empenhado em obstar a conferencia de Genova, que contraria as suas vistas vesgas e inconfessaveis, utiliza todos os meios inclusive o recurso aos sicarios da penna e aos sicarios do revolver, para que aos accordos, desejados por alguns, seja preferida a continuação do bloqueio economico e politico, homicida e esfomeador, que arruina e condemna á morte, não o governo russo, mas a immensa população sujeita ao seu jugo. E entrementes, na sombra, na Polonia, na Rumania e em outros logares, aprestam-se os exercitos para uma possivel invasão armada do territorio russo.

Ante tudo isso, companheiros de ideal e companheiros de trabalho, sabemos onde é o nosso posto.

Reconhecendo com amargura e pezar, protestando intimamente, que a Conferencia de Genova assignala o fim tangivel da revolução russa, vemos tambem, temerosos e horrorisados, os chacaes e os abutres do nosso e do imperialismo estrangeiro porfiando em impedir essa Conferencia, para, á vontade, assassinar um povo á fome e mover lhe nova guerra no intuito de mais ferozmente explora-lo e mais cruelmente escravizal-o.

Nem por gestos, nem por palavras, a nossa acção jamais se confundirá com os actos desses assassinos do povo.

Saibam elles e as potencias reunidas em Genova que o proletariado italiano, — mesmo quando diverge na apreciação dos successos russos, — está coheso na solidariedade com o generoso povo russo no combate á politica esfaimadora dos governos burguezes e a quaesquer tentativas militaristas e guerreiras do imperialismo internacional.

Trabalhadores da Italia!

O proletariado, unanime, hoje como em 1914 a 1918, condemna todas as guerras, e hoje como em 1919-20 oppor-se-ha a qualquer cooperação militar contra a Russia.

Isso, nós, os anarchistas, acreditamos poder com absoluta segurança, conscientemente, affirmar alto e bom som!

Quando, no interesse do imperialismo, mais alheio do que italiano, e *em odio, não ao governo, mas ao povo russo*, insistem contra a Conferencia de Genova os mesmos que ainda ostentam nas mãos as manchas do vosso sangue e do petroleo com que incendiaram as vossas cameras de trabalho, vós não os auxiliareis, como nós, — *embora a nossa hostilidade ao actual governo russo*, — não os auxiliamos.

Nada de commum póde existir entre elles e qualquer fracção do proletariado.

Evitae porém, companheiros operarios, cahir no erro opposto. Quaesquer que sejam as deliberações de Genova, lembrai-vos de que a delegação russa ahi presente *não representa absolutamente nem a revolução, nem o communismo, nem o povo russo*; não vem realizar uma obra libertadora, vem, ainda uma vez, fazer acto de submissão.

Na melhor hypothese, forçada pela necessidade cruel e violenta, submetter-se-á a uma vingança.

A delegação russa deve sentir que o proletariado está tão afastado della quanto das demais delegações que a rodearem.

E se, vencendo a distancia, uma vóz póde chegar aos vossos ouvidos, seja, trabalhadores, essa vóz em tudo semelhante á nossa, altamente inspirada pela liberdade e pela justiça, affirmando o ideal igualitario da revolução e a completa solidariedade com os que na Russia lhe continuam fieis, e por isso são hoje alli cruelmente perseguidos. Seja essa vóz um protesto em defesa das minorias revolucionarias e anarchistas, cujos militantes, — *os que escaparam ao fuzilamento*, — jazem nas prisões russas ou trilham o caminho do exilio. São essas minorias, saibam os dictadores da Russia que, ante o proletariado italiano, ante o proletariado internacional, representam o povo russo e a revolução russa, inseparavel do communismo e da liberdade.

Solidariedade plena, perfeita, com a revolução russa, contra os seus inimigos *internos* e *externos*! Solidariedade com a revolução russa contra as insidias da democracia *burgueza* ou *social*. Solidariedade com a Revolução Russa contra as manobras fraudulentas dos *Estados pacifistas*! Solidariedade com a revolução russa contra o imperialismo nacionalista reaccionario dos *Estados militaristas*!

Solidariedade com a revolução russa contra a nova dominação estatal e de casta que a está estrangulando com a mão de ferro de uma *dictadura militaresca*!

Ainda e sempre: Viva a Revolução Russa! Viva a Internacional revolucionaria do proletariado! Viva a Anarchia!

Trasladando para estas columnas o importante manifesto da *União Anarchica Italiana*, publicado em «Umanità Nova» de 7 do passado mez de Abril, «Lucta Social», por si e conscia de, no caso, traduzir os sentimentos da unanimidade dos anarchistas do Brasil, affirma a sua plena concordancia com os conceitos nelle emittidos.

A *União Anarchica Italiana*, constituida, além de innumeras filiações individuaes, por grupos de propaganda anarchista com um total de cerca de dezoito mil militantes, ahi traça nitidamente a linha divisoria entre o apoio — jámais recusado — á Revolução Russa, e a repulsa que a todo o espirito effectivamente amante da liberdade e da justiça inspiram os energumenos que erigiram o edificio da mais torva das dictaduras sobre as ruinas de uma revolução que não é a obra do seu partido, mas do esforço ingente de todo o povo russo.

Os nossos companheiros da Italia, publicando o seu vibrante appello nas vesperas da Conferencia de Genova e a proposito desse conciliabulo, anteciparam com notavel clarevidencia os resultados dessa reunião e preveniram o mundo trabalhador e revolucionario contra as provaveis attitudes theatraes dos embaixadores da dictadura moscovita.

A previsão dolorosa: — «Elles não vêm trabalhar pela liberdade, e mais uma vez renegarão a Revolução» — realizou-se ponto por ponto.

Santificados pela benção papal, em meio ainda da digestão pesada dos opiparos banquetes liberalizados pelo Quirinal, não extinctos de todos os echos dos *toasts* enthusiasticos com que Tchitcherin, o chefe da embaixada bolchevista, sagrou Victor Manoel III — «pastor sem rival de povos que os marxistas do seu paiz invejavam no venturoso povo italiano» — os emissarios de Lenine, irmanados com Barthou e Lloyd George entraram a talhar na mesa da Conferencia o sudario da Revolução, mortalha igualmente das esperanças dos opprimidos e espoliados de todo o mundo.

As phrases retumbantes, os fementidos protestos dos corypheus da tetrica dictadura bolchevista não lograram disfarçar a sua insigne traição aos olhos do proletariado attento ás manobras dos lidimos expoentes do capitalismo reunidos em Genova.

Sempre capitulando, até attingir os extremos limites do recúo, os delegados do «Executivo de Moscou» consumaram a suprema vileza de subscrever o documento ignobil que impõe á Russia a obrigação de se abster no exterior e de reprimir no interior a propaganda socialista!

Em começo a ausencia de informações verdadeiras, já agora abundantes, minuciosas e todas accordes, embora oriundas das fontes as mais diversas, — inclusive as officiaes, — induziu o mundo trabalhador ao engano de identificar o movimento revolucionario com a acção e aspirações do partido bolchevista, chrismado por Lenine, após a queda de Kerensky, com a denominação de *communista*.

Hoje, tal erro não é mais permittido nem excusavel.

Illudindo a vigilancia feroz e a censura inquisitorial da repartição de espionagem bolchevista, a execranda Tcheca, tem transposto as fronteiras uma vasta documentação que habilita ao estudo sereno e segura analyse das causas varias que desviaram o curso da revolução, em seu inicio de cunho accentuadamente libertario, até convertel-a em instrumento de escalada ao poder, em simples mudança de governantes, em pedestal da sanguinaria dictadura dos chefes marxistas.

Fallecessem, porém, todos esses dados preciosos e irrecusaveis, e a acquiescencia subserviente dos representantes bolchevistas ás deliberações contra revolucionarias da Conferencia de Genova, bastaria a dissipar as illusões dos que, *de bôa fé*, acreditaram na possibilidade da abolição do capitalismo com e por intermedio do Estado.

A dictadura marxista, contractando em Genova, com os Estados burguezes, uma nova Santa Alliança para maior exploração dos povos; cooperando com elles — «*na restauração dos finanças internacionaes, proposito principal da Conferencia*», como explicitamente Lloyd George declarou no *lunch* que, no dia 26 de Maio, lhe offereceram os seus correligionarios da Camara dos Communs, poz em relevo o fracasso da experiencia realizada na Russia para a creação de um *Estado Communista*.

E nessa prova experimental, pratica, da impossibilidade de reorganizar a sociedade sob novas bases economicas sem a destruição do Estado, — qualquer que seja a sua denominação, — os trabalhadores têm tambem a demonstração irrefutavel dessa grande verdade:

— Fóra da Anarchia não ha solução para o problema social.

Despropositos

Sob a epigraphe, desnecessariamente aggressiva, fóra da cordura que deve prevalecer entre camaradas, Democrito, um dos mestres e doutrinadores da questão social, escreveu um artigo na *A Plebe*, de 13 de Maio, chamando-me a bolos e criticando minhas asserções expostas em artigos.

Estabelecendo, como novidade, a necessidade (que ninguem contestou) da selecção e da afinidade nas organizações anarchistas, procura justificar a attitude exclusivista dos operarios, *procedendo como procedem*, desconfiando dos intellectuaes. Depois censura os proletarios intellectuaes que se não interessam pela questão social. Pois se os que se interessam levam repellões da ordem dos—*Despropositos!*...

Entretanto deve convir o articulista que o Anarchismo não é propriedade do operariado; que a Anarchia é uma doutrina social, uma philosophia, aberta a todos os estudiosos; não é monopolio de alguem, não exige licença para quem nella quer entrar, pois que é um modo de

comprehender e interpretar a sciencia social, no sentido da maior liberdade, da maior justiça, da maior felicidade para todos. A anarchia não é uma questão operaria. Se se tratasse de uma questão operaria, questão de classe, era admissivel que se collocassem á porta dos recintos fechados das *organizações* operarias cerbéros que guardassem a entrada.

Se se tratasse de uma questão puramente economica e de melhorias do salariado e das condições de vida dos operarios, era justo que se fizessem selecções por afinidades.

Derivada do Trade-unionismo do Owen, a questão obreira justificaria o lemma operario: «*Façamos por nossas mãos tudo o que nos diz respeito*» que não é mais do que a variante da phrase «*a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos proprios trabalhadores*». Mas a Anarchia procura solver a questão social, que é ao mesmo tempo moral e economica, do ponto de vista humano e geral, e não de ponto de vista de uma classe social, com prejuizo das outras, o que seria a permanencia do regimen social vigente. Contra o censuravel afastamento dos proletarios intellectuaes, quanto ao alheiamento da questão social em que vivem *medicos, engenheiros, professores, bacharéis, jornalistas, poetas, dramaturgos, romancistas*, o remedio não é tomar precauções, rodear-se de cautelas, fechar-se dentro dos grupos de afinidades, repellir os collaboradores de boa vontade que venham ao nosso encontro, examinar-lhes argutamente as intenções occultas, exercer funcções policiaes, impedindo-lhes a entrada e desconfiando delles.

Se se tratasse de um partido politico, tramando *complots* e organizando conspirações para derrubar do poder os occupantes e obrigar *os outros*, a *multidão, os viciados, os degenerados, os desclassificados*, a acceitar a liberdade, *mesmo contra a sua vontade*, imposta pelos dignos, *dictatorialmente*, justificar-se-hiam as medidas tomadas para evitar que as associações partidarias fossem *viveiros de diletantes, de espiões, de transfugas*. A Anarchia é um campo aberto a todos, em que não ha *espiões*, nem *transfugas*, pois que ou o individuo é ou não é anarchista; mas para ser anarchista ninguem precisa de perceptor, de chefe, nem de reconhecer em pessoas ou grupos, de individuos, o direito de julgar os outros, — o que supporia a existencia de codigos e regras, e leis e regulamentos, fóra de cujas normas os actos são classificados de delictuosos, trangressões de decretos.

Arvorar-se alguem em juiz da consciencia alheia, pretender fazer juizos das *intenções* de outrem, pretender monopolizar a doutrinação e julgar-se infallivel na comprehensão dos principios anarchicos, é não ser anarchista.

A não resistencia ao mal pela violencia, taxada de insensatez e estygmatizada do alto, poderá sel-o para quem não comprehende que a inercia é a maior força de resistencia que se póde imaginar.

Cautella e caldo de gallinha são medidas de louvavel prudencia para quem não confia bastante na força, na verdade e na excellencia do ideal e da causa, que defende, e toma precauções para livrar a pelle de qualquer lesão dolorosa.

Os tempos de ingenuidade passaram com as lições que nos teem dado os espertos, que se aproveitaram sempre do trabalho da propaganda anarchica para atraiçoar a causa.

Mas o ideal anarchico, em que tenho a mais intensa fé, não está por isso sujeito a annquilamento; nem a propaganda aberta concorrerá para seu anniquilamento. Prova de rematada estultice daria quem quizesse restringir a propagação do ideal anarchico, fechando-o dentro de grupos impenetraveis aos que desejassem conhecer os principios em que pretendemos organizar e fundar a sociedade futura.

Nosso anniquilamento, de que se arreceia o articulista, poderá ser o anniquilamento individual de uma personalidade, de um propagandista; mas não será jámais *o anniquilamento do nosso ideal*, que é eterno, imperecivel, que vencerá apezar de todos os tropeços, que se vem corporificando desde o inicio das organizações sociaes, e se ha de impôr, generalizando-se quando as consciencias, em maioria, no mundo, se tiverem formado nesse ideal de justiça, liberdade e igualdade economica. Nossa funcção é educativa.

Rio, 16 de Maio de 1922.

FABIO LUZ.

O partido do proletariado

(Continuação)

A politica dos communistas autoritarios não se distingue senão muito mal, e quasi exclusivamente por palavras, da politica da social-democracia, de que são filhos legitimos. Qualquer que conheça um pouco de historia do socialismo recordar-se-ha de que a linguagem dos communistas hodiernos, nos paizes latinos, é em si a mesma dos socialistas de cerca de 1880, quando elles se declaravam pela revolução e pela insurreição, para a conquista do poder por meio da violencia — com o intento de destruir todo o poder politico a seguir; mas no entanto transigindo com o velho programma revolucionario da Internacional, sustentavam necessaria a participação nas eleições politicas e administrativas, não com outro fim que não o de *sabotar* o Estado, lá de dentro.

André Costa, em 1882, era um deputado ainda que *anti-parlamentar* de nome apenas, como Bombacci em 1922. Hoje faz-se uso mais frequente da palavra—*violencia*; e em todo caso é um merito dos communistas haverem conduzido o proletariado a reconhecer a necessidade da violencia para a revolução, desde outros tempos e por quasi trinta annos sustentada contra o socialismo legalitario pelos anarchistas.

Isto não basta para justificar a pretenção dos communistas. E' para que elles tenham em conta que são uma scisão do Partido socialista, são uma minoria sem responsabilidade directa, esmagada, por ser necessaria uma certa intransigencia, indispensavel uma colocação revolucionaria: como era necessaria, em seu principio, ao Partido socialista italiano em 1882 (então se chamava *partido socialista revolucionario*).

Mas, o ter acceitado a tactica legalitaria parlamentar resultou o ex-partido revolucionario tornar-se, em tudo e por tudo, legalitario, collaboracionista: conduziu seu fundador á presidencia da Camara e o proletariado á enorme derrota de 1914-1915.

O partido communista hoje recomeça, como começou, desde o fim da Internacional italiana, o partido social-democrata.

Com um movimento bastante mais acceleredo, por causa do tempo, elle não póde repetir a mesma parabola. Apezar de seus protestos, apezar de todas suas honestas intenções, uma violenta interrupção não trará sua evolução na realização ou na revolução, certamente, primeiro ou depois que o partido communista autoritario soffrer a consequencia logica da tactica eleitoral e parlamentar, não tendo a coragem de repudiar o acto de sua constituição.

Quando a consequencia da politica eleitoral e parlamentar communista estiver madura, o proletariado será mais uma vez trahido.

E' provavel que os acontecimentos preparem qualquer embaraço á natural evolução de todos os partidos politicos eleitoraes, indo de portidos revolucionarios a partidos legalitarios.

Deixemos de lado a eventualidade, muito mais que muito provavel, de um movimento de violenta reacção burgueza. Se ella fôr victoriosa atirará da sella todos nós e os communistas e porá o proletariado debaixo de um mais duro jugo; e todos os themas de discussão serão eliminados. E' esta eventualidade que deveria conciliar os communistas, em uma maior cordialidade de relações com todas as outras forças proletarias e revolucionarias, para poder fazer frente melhor ao perigo commum. Mas disto é inutil falar.

Em vez disto examinemos a eventualidade, que, a nós como aos communistas, será mais agradavel: que sobrevenha a revolução. A direcção, que a ella queiram dar os communistas autoritarios é devéras no interesse maior do proletariado? Favorecerá esse interesse ou o prejudicará?

Nós anarchistas pensamos que o proletariado deve aproveitar a revolução victoriosa, quer dizer, aproveitar o momento em que o velho regimen e o velho Estado forem destruidos e nenhum obstaculo possam oppor á sua iniciativa, para proceder immediatamente á expropriação, para empossar-se da riqueza social e iniciar acto continuo, a gestão collectiva, ou por meio das antigas organizações corporativas adaptadas ás novas funcções, ou por meio de organismos novos que no proprio seio da revolução se elaborarem, como temos exemplo, na primeira phase da revolução russa, com os soviets, os conselhos das fabricas, etc., todos depois desauctorados e desnaturados pelo poder governativo.

Permitta ou não o gráu de maturidade, junto com a revolução do proletariado, a abolição do Estado, preconizada pelos anarchistas, importa, acima de tudo, que os proletarios se apoderem da propriedade e tornem, de repente, impossivel a exploração do homem pelo homem.

(Continua).

LUIGI FABBRI.

A' nos frères de France

Camarades

Chez vous demeure, à present, un soi-disant anarchiste — Antonio Canellas, — qui, ici, se presentait comme propagandiste du systéme d'éducation des *Ruches*, de Faure, en remessant de l'argent pour la fundation d'établissements semblables, au Bresil.

Lisez ce qu'il pense et ce qu'il dit sur les Anarchistes.

Voilá:

«Les anarchistes et la dictature du proletariat»

Demandez à une jeune fille coquette la raison dont elle, selon le temps, porte des robes longues ou pas longues, des chapeaux grands ou petits, et elle vous repondra: — c'est la mode.

Toutes les femmes vont à la mode et n'en sachent pas la raison. C'est absurde. Cependant il y a des absurdes pires que cela. Au commencement de la guerre, disaine de mille d'anarchistes ont accouru à s'enrôler dans les armées, parce que Malato, Grave et Kropotkine ont dit que, s'ils etaient jeunes, s'enrôleraient aussi.

Les malheureux ont suivi les conseils des interventionistes comme les jeunes filles suivent la mode. Aujourd'hui c'est la même chose pour la Revolution social de Russie. Pendant la guerre, les interventionistes, c'est à dire, les anarchistes ont pris les armes en defense du tzar, du roi d'Angleterre et de Poincaré. A' present ils invoquent *l'intransigence, la pureté des principes et l'ideal*, contre la dictature du proletariat.

La dictature? Mais la dictature, c'est la violence et l'Anarchie combat la violence.

Et porquoi s'ont-ils manifesté pour la guerre? Est — ce que les violences, pratiquées en Russie, contre quelques bourgeois opiniâtres ou vers les camarades embarrassants, soient—elles plus remuentes que la violence entre les armées et entre les nations, qui a fait 20 millions de morts et de mutilés?

Combien d'hommes ont été arquebusés, depuis le commencement de la revolution russe?

Cinq mille, peut-être. La repression de Thiers à la commune de Paris a sacrifié 30.000 citoyens — h o m m e s, veillards, femmes et enfants.

Seulement á la France la guerre a ravi 1.700.000 hommes, et les soi-disants puritains, qui ont ouvert la campegne contre les bolchevistes, s'oublièrent de la pureté des principes et ne levèrent pas des protestes contre si grande violence.

Pis encore: des milliers d'autres anarchistes de toutes parties du monde, inconscients, empestés, puis-que *c'est la mode*, comme les jeunes filles citées lá dessus, se fondirent en disant des sottises sur la Revolution russe, dont plusieurs sont transcriptes des gazettes ou des traîtres semblables à Merrheim etc.

Pour cela, un grand publiciste bourgeois a dit recemment, dans son journal: «Nous, les amis de l'ordre, pouvous encore dormir en paix. Le seul péril, qui nous menaçait, etait le bolchevisme russe. Mais celui, aussitôt, aura perdu son influence sur la foule parce que ces ineffables idéologes de l'Anarchie *pure* prendront le charge de leur faire perdre le credit. Tandis que les révolutionaires se querellent sur la vertu ou l'abomination du mot — *dictadure*, nous fortifions notre dictature de la pluto-cratie qui, à cause de la confution, emportera la dictature du proletariat. Les anarchistes ont plus travaillé pour le retablissement de l'ordre bourgeoise que tous les Koltchack, Wrangel et Denikine ensemble».

Voaici un bourgeois qui, au moins, a le merite de savoir dire clairement les choses. Ce qu'il dit est la verité.

Ces soi—disants puritains refroidissent l'ardeur révolutionaire du peuple. Et, au fur et à la mesure que la bourgeoisie perd la crainte des bolchevistes, l'audace se redouble et la reaction croit.

Mais, enfin, qu'est—ce que veulentils? On dit que ce qu'on a fait en Russie n'est pas l'application précise des aspirations libertaires.

Parbleu!... Y-a-t-il qui ne sait cela?

Mais il faut aussi que tous le sachent que les Russes ne font ce qu'ils veulent que ce qu'ils peuvent.

Ils sont entourés d'armées capitalistes et por consequent, ils sont forcés à mantenir aussi une armée, même avec son dégôut pour le militarisme.

Ils sont entourés de nations bourgeoises, de vie commerciale, dont ils sont obligés de soutenir les relations. Donc ils sont contraints de rétablir le cammerce vers l'étranger. Mais si de ce coté ils perdent un peu des avantages, on voit le travail d'éducation qu'ils ont executé, en dévenant conscient le peuple russe, qui saura respecter son independence et reserver la force de ses ideés, pour les appliquer avec assurance, en faisant valoir son independence quand les circonstances le permettent. Les bolchevistes russes crient aux revolutionaires de tout le monde: «Faites, faites meilleur que nous; mais faites quelque chose, si vous plait».

Ce qui n'a rien fait, n'a pas le droit de critique sur ceux qui, ne faisant pas tout, ont fait, au moins, quelque chose. En verité, plusieurs camarades font de critique, mais sans mauvaises intentions; ils sont emballés par les soi-disants intransigents, parce que c'est la mode, parce que c'est beau de paâitre et d'être reputé plus pur que les autres. Je leur dois dire que cette parade est cause de peine pour nous et que c'est la bourgeaisie qui lire du parti de tout cela, puis que sur le sujet de la mode elle va pour les robes courts et jamais elle ne va pour des idées, parce qu'elle sait où sont ses convenances, tandis que, chez nous, plusieurs ne veulent pas voir que le flambeau révolutionaire de Russie eclatera et mettra en feu la societé capitaliste et que on soutiendra ce flambeau lá, en le fomentant et non pas en le jettant de l'eau froid de la critique inconvenante.

(Assigné) *Antonio Canellas*.

Paris, 1922.

(Le "Movimento Communista, anno I, n.° 4. — Rio de Janeiro, Avril, 1922, Brésil).

Cambaram, deram-se a conhecer

Já, entre nós os militantes, existem muitos individuos, que, pelo seu modo de proceder, podemos dizer sem temermos contestação, cambaram para o «outro lado», a banda burgueza, para a hypocrisia. E o nosso papel, é, neste momento, um papel facil de representar; — levantar a bandeira de guerra aos nossos novos inimigos, que, ao meu ver são os mais perigosos, pois, são justamente os que melhor conhecem a maneira de enganar os trabalhadores incautos, empregando os seus *trucs* politicos camuflados de socialismo, communismo etc. etc...

Um dever de dignidade nos impõe que comecemos, dentre ás massas trabalhadoras, a apontar os transfugas, os amarellos, os «vira-casacas», os que querem o poleiro para viverem a tripa forra, não se encommodando que o restante dos trabalhadores soffram, com os seus, os horrores da fome e da miseria.

Ha muito que vimos dizendo que—quem não está comnosco é contra nós! Por conseguinte, os individuos que hontem liam na nossa carta e hoje acham que essa carta não é assimillavel pelos trabalhadores, são hypocritas, commodistas, amantes do dinheiro com o qual esperam viver o resto da vida, pouco se lhes dando do modo de o arranjar.

Para essa gente, sim, precisamos lançar as nossas vistas, afim de que não venham amanhã novamente se infiltrar no meio obreiro e praticar das «suas», como seja: propaganda de politicagem; introducção de leitura mentirosa e corruptora, como a que já appareceu, intitulada «America (alliada).

Mais um pouquinho de actividade onde quer que estejamos e conseguiremos desmascarar os intrujões, os falsos, os perniciosos que a todo transe persistem em dar a mão á canalha burgueza.

Já disse e repito aos companheiros do ideal, precisamos manter um grande laço de entendimento, como está acontecendo agora, para que nos seja facil desmoronar a obra perversa armada contra as classes operarias.

Cerremos filleira, e cerremos tambem combate aos canalhas, aos piratas que mesmo ludibriando os trabalhadores, não se pejam em desmascarar-se deante dos mesmos.

Petropolis, 16-5-922.

J. DE S\'.

A Morte da Communa

No vermelho clarão do incendio, o Sena parece ia um rio de sangue humano, onde boiavam cadaveres dos communistas de Paris.

Moribund os, como os phantasmas-reis do Oriente, quizeram elles mesmos incendiar sua cidade, afogando nas chammas suas culpas e suas riquezas, sua gloria e sua moral purificadora. A' hora extrema do abandono, exaltavam-se os esforços heroicos dos vencidos.

Os homens de Estado da Communa e seus generaes de opereta deram um espectaculo apenas de 72 dias—de 18 de Março de 1871 a 20 de Maio do mesmo anno, sem desfallecimentos, combatendo sempre.

A bandeira vermelha pela primeira vez tremulou nas barricadas de Paris, symbolo de esperanças, activando o fogo revolucionario da epoca. No matadouro legal, com a quéda da ultima resistencia dos membros da Communa,—Eduardo Monreal, alma revolucionaria, membro do Comité Central, cahiu nas mãos dos reaccionarios no dia 26, e o Tribunal instituido por Thiers fez fusilar, em Nantes—julgado em 20 minutos.

Qualquer pessoa encontrada por acaso no Campo de Marte, fosse creança ou mulher, era executada summariamente.

Malin, homem de grande valor intellectual, não escapou á sanha de Thiers, bem como todos os intellectuaes da epoca, que levantaram protestos contra o assassinio legal.

A resistencia dos federados foi inutil; da Belleville, da praça da Bastilha, onde estavam concentrados, os communistas foram desalojados pela tropa branca.

Foi a seguinte a ultima proclamação de Bouvier, em nome da Communa:

«Cidadãos do XX districto, ás armas!

Todos succumbiremos: é a sorte que nos espera. Digo-vos cidadãos da Communa, ávante!»

Cinco dias e noites, os communistas sustentaram terriveis combates, sem comer e sem munições que se haviam já esgotado.

Rambon, com a bandeira vermelha, fincada em cima da barricada, vendo-se vencido, contra-atacou o inimigo, arrancando a bandeira e levando-a na mão, vendo succumbir seus heroicos companheiros.

Assim acabou a Communa de Paris.

Essas lições nós trabalhadores temos que aproveitar e ensinar: nós operarios syndicados temos que orientar os outros na reconstrucção social, antes e depois da Revolução.

A Communa falliu porque não tinha meios de reconstrucção em consequencia das ruinas que ficaram da guerra prussiana.

A revolução havia fatalmente de fallir, como falliu, a revolução Russa, no ponto de vista social.

Qualquer que seja a fórma de democracia, que se implante, será sempre um trabalho inutil, principalmente quando esse trabalho fôr centralizador, como o Estado que especula com o trabalho em beneficio proprio. Mas o trabalho livre, sem intermediarios e sem coacção, proverá por si directamente, pelo accordo mutuo, as condições do momento quanto á producção.

Por isso o syndicato revolucionario será o factor da reconstrucção economica e da emancipação proletaria.

Organizae-vos trabalhadores!

MARAT.

Balancete do 1.° numero da "Lucta Social"

DESPEZAS

Impressão do 1.° numero	250$000
Cartazes de propaganda	20$000
Carretos	10$800
Agulha, sacco e barbante	2$000
Expedição	20$180
Somma	302$980

RECEITA

Venda no Rio de Janeiro, da "Lucta" . .	129$900
Venda no Rio de Janeiro, do "Libertario"	20$000
Dinheiro recebido de S. Paulo	100$000
Dinheiro recebido de Petropolis	7$400
Auxilio	51$500
Somma	308$800
Receita	308$800
Despezas	302$980
Saldo	5$820

Grupo de Propaganda Social

A palestra semanal do dia 19 do p. m. realizou-se na séde social dos Sapateiros, tendo bom numero de camaradas presentes. Principiou o nosso camarada FABIO LUZ, pela leitura d'um artigo da *Plebe*, firmado por Democrito a que n'este numero responde o nosso amigo com o titulo Despropositos, fazendo ver «ainda que a questão social encarada como uma questão de classe, são instinctos da tyrannia debaixo da capa de organização operaria» Como resposta leu:

«A revolução Russa e os intellectuaes».

A nefasta influencia do Bolchevismo sobre o movimento obreiro, da obra de Rodolpho Rocher foi bem apreciada.

Fez commentarios a respeito de engraçados artigos do «Movimento Communista».

Fez depois, mediante documentação lida a historia dos *Soviets* demonstrando que não é, uma invenção da Social-democrata pois era uma organização operaria autorisada por *ukase* do Tzar Nicolau II, e se compunha de representantes do operariado a razão de um deputado por 500 operarios; da qual tomou parte L. Trostky, como adherente extraordidario.

Fallou sobre a influencia da moda na reviravolta d'alguns camaradas *almofadinhas* que a acompanhando a mesma se transformaram em bolchevistas, marxistas communistas e que irão até o Conselho Municipal e mais além proximamente.

—Na séde da Associação dos Operarios em Calçado, realizou-se no dia 26, outra palestra semanal do amigo dr. Fabio Luz.

Insistiu na necessidade de combater a Republica bolchevista, por ser uma organização social tão tyrannica como qualquer organização burgueza, e por se terem os bolchevistas ligado aos burguezes, contra os anarchistas.

Combatendo a propriedade e a autoridade, a moeda e a lei, o Estado e as Constituições—que são um inimigo unico, irmanado, xyphopago—sustentaculo um do outro, temos de luctar contra a Republica dos Soviets, que se pretende alastrar pelo mundo, com seu Estado «provisorio», que póde durar gerações e gerações, na opinião de Lenine.

Accusam-nos de não termos um programma de organização futura. Ora, decretar programmas, que restrinjam a liberdade alheia, na organização social do futuro, é não ser anarchista.

Cada um de nós concebe um modo de ser da sociedade futura, e cada um o esboça a seu modo.

As conveniencias de occasião dictarão as novas fórmulas em que o accordo mutuo se estabelecerá nas diversas regiões, paizes, cidades, villas e aldeias actuaes, onde se instituirá, de futuro, o communismo anarchico.

A cidade do Rio de Janeiro será dividida, talvez, em communas, cada uma tendo no seu seio representantes das outras communas, como a federação de associações e syndicatos revolucionarios.

Assim como, em outros tempos, havia as ruas dos Ourives, dos Tanoeiros, etc., haverá communas de carpinteiros, de medicos, de sapateiros, de professores, que tratarão da sua vida intima e estarão em relação continua com as outras federações, communicando-se com ellas e com as do resto do mundo.

Passa depois á leitura de um valioso artigo, publicado por um burguez, que se assigna D. M., na revista «Mercure, de France», aliás de grande importancia, fazendo uma rapida historia e critica de Lenine, leitura que foi suspensa, devido ao adiantado da hora, devendo continuar na proxima palestra.

Chamamos attenção dos camaradas para frequentarem as palestras, porque são de grandes conhecimentos de propaganda da actualidade e que a tyrannia do espaço não nos deixa dar o resumo maior.

Comité de protesto contra a Reacção Internacional

Não faz muito tempo que o Comité da Confederação Nacional do Trabalho, de Hespanha publicou um manifesto que era um grito de desespero dando o brado de alerta e pedindo a solidariedade dos obreiros conscientes do mundo, para que procurassem a forma de melhor impedir que o governo hespanhol continuasse assassinando os seus membros.

Hoje é o Comité Regional de Catalunha pró-presos, que se vê na necessidade de appellar para todos os proletarios afim de que accudam urgentemente com a sua solidariedade aos companheiros presos e processados, que soffrem e esperam, nos carceres da monarchia, accusados de uma infinidade de delictos que nunca commetteram e que entretanto, sucumbirão se os obreiros todos não lhes accudirem promptamente, serão condemnados a monstruosas penas.

Os carceres de Hespanha, e muito especialmente os de Barcelona, acham-se abarrotados de dignos e honrados obreiros que não commetteram outro crime senão o de organizarem os escravos modernos nas fileiras da C. N. do Trabalho.

A barbara e cruel repressão, começada em 1919 e accentuada e recrudescida desde 1920 até hoje, pelos generaes Anido e Arlegui, tem creado um estado de cousas, que, devido a monstruosidade que engendra, se faz difficilimo fazer comprehendel-a áquelles que a podem a ver.

Concluídos as *leis de fuga* que custaram a vida a mais de cem companheiros, a burguezia e as autoridades mancomunadas pretendem enviar aos presidios meio milhar de camaradas, que, depois de horriveis tormentos soffridos na chefatura de policia para os fazerem assignar attestados em branco, tem sido processados.

Mais de cincoenta companheiros estão condemnados á *pena de morte* e outros a galés perpetuas.

Se o proletariado todo sem distincção alguma se não apressa em abrir subscripções e mandar dinheiro para podel-os defender, não ha duvida alguma que o sangue innocente correrá mais uma vez pelos fossos falidicos do castello de Monjuich.

O Comité pró-presos faz um apello supremo e angustioso a todos proletarios para que sem perda de tempo se apressem a mandar o obulo solicitado.

Proletarios cumpri o vosso dever!

Solidariedade é o que pede o C. pró-presos em nome dos nossos irmãos que se encontram entre as grades da prisão.

Pela emmancipação dos proletarios tudo deveis fazer, porque a causa é tambem vossa.

O COMITE' PRO' PRESOS DA CATALUNHA

Tomando esta iniciativa, foi annunciada uma palestra para o Domingo 21, do p. m. e não foi realizada devido a motivos de força maior, portanto fazemos novamente um appello aos camaradas para se não fazerem surdos, para este acto de solidariedade.

Pelo comité

O Secretario.

J. Sarmento.

SÃO PAULO

Recebemos cartas, communicando que foi de commum accordo disolvida a A. Anarchista de S. Paulo, que era composta de 5 grupos, porém que devido a certos factos: os seus componentes foram assim obrigados a proceder, como tambem a suspensão temporariamente do seu orgão *O Libertario*, e resolveram os seguintes considerandos:

«1°— Suspender a publicação de *O Libertario* e acceitar como o seu substituto a *Lucta Social* editado por esse Grupo.

«2°—Para que a *Lucta Social* tenha uma vida longa fazer intensa propaganda da mesma, e angariar o sustento para a mesma por todos os meios que estiverem ao nosso alcance, como por exemplo: promover festivaes, fazer rateios etc

3° — Sendo a Alliança Anarchista composta por cinco grupos libertarios, esta deixará de existir, passando os grupos agir individualmente, tendo sempre um pequeno intendimento entre os mesmos.

4°— De commum accordo entre todos os grupos ficou nomeado um camarada como representante da *Lucta Social* em S. Paulo, o qual se entenderá directamente com o grupo redactorial da mesma, e se esta medida foi tomada foi com o intuito de poupar trabalho administrativo, ficando este camarada encarregado de fazer aqui a distribuição aos grupos e receber no mesmo instante o producto para que sem perda de tempo faça seguir ao seu destino.

«5°—Que uma vez liquidada a divida de *O Libertario* na typographia todo o dinheiro restante do jornal que está para receber-se, redundará em beneficio da *Lucta Social* cuja publicará nos seus balancetes em como este dinheiro é entregue pelo *O Libertario*.

«6°—Que o restante do dinheiro da venda de *O Libertario* pelo Grupo de Propaganda Social do Rio de Janeiro, e cujo ainda se encontra em poder do mesmo, ficará em beneficio da *Lucta Social*».

Pelos grupos Libertarios.

F. NAVAS.

*Com o carimbo d'*O Libertario.—*S. P.—Maio-18-1922.—Orgão da A. Anarchista.*

Pró Leandro da Silva

O programma do festival de solidariedade, a realizar-se em 18 de junho de 1922, no Jardim Zoologico, promovido pelas associações operariasde mar e terra junto ao comité pró-auxilio de José Leandro da Silva, com o concurso do Grupo Theatro Social e com o Gremio Artistico Renovação.

A entrada para o Jardim será depois das 9 horas.

O inicio das diversões será ás 12 horas, obedecendo á seguinte ordem:

1ª parte — Historico do processo, com apparição, em forma de apotheose, de José Leandro da Silva.

2ª parte—Corrida de bicycletas, com o premio de um guarda-chuva ao vencedor.

3ª parte—Corrida pedestre, em disputa com um campeão mundial, que se encontra nesta capital.

4ª parte—Jogo de páo, por 4 conhecidos jogadores, sendo os vencedores premiados com medalhas de ouro.

5ª parte—Leilão de prendas.

6ª parte—Corrida em saccos, com um premio ao jogador.

7ª parte—Tiro ao alvo, por um celebre atirador hespanhol, premiado em diversos certamens e que vem tomar parte nas festas do Centenario.

8ª parte—Variada tombola.

9ª parte—Corrida de ovo na colher por um grupo de moças, com os seguintes premios: 1º logar, meio apparelho de louça de jantar; 2º logar, um córte de vestido.

10ª parte—Corrida de galinhas, furando barricas, com um premio ao vencedor.

11ª parte—Quebrar um dos potes com os olhos vendados. Dentro do mesmo se acha o premio.

11ª parte—Final. Com um magnifico espectaculo, executado pelo Grupo Theatro Social e pelo Gremio Artistico Renovação.

Para o theatro as entradas serão de $500.

Entrada para o Jardim, auxilio pessoal: 1$000 para os maiores; de 7 a 14 annos, $500 réis; para as creanças até 7 annos gratis.

Os ingressos se encontram nas associações operarias junto do Comité Pró José Leandro da Silva.

ATTENÇÃO

O Comité Pró Liberdade de José Leandro da Silva, participa a todos interessados pela liberdade deste trabalhador, que a séde deste comité, fica definitivamente, na séde da União dos Operarios em Tinturarias á rua Tobias Barreto n. 46. Os auxilios devem ser entregues a Aureliano Silva, nos dias uteis das 18 ás 20 horas.

A commissão.

União dos Operarios em Construcção Civil

Hoje, ás 19 horas, o camarada Carlos Dias realisará mais uma das suas apreciadas conferencias.

"Concepção Anarchista do Syndicalismo"

Este livro é da autoria de Neno Vasco.

A União dos Operarios em Construcção Civil, deu a quota correspondente a 50 % do custo total da edição. E' um bello gesto digno de ser imitado por todos aquelles que, de facto, se interessem por essas coisas.

Toda a correspondencia para a "Lucta Social", deve ser dirigida para a Rua Tobias Barreto, 46 — Rio de Janeiro.

Bilhete de um deportado

«Camaradas d'*A Plebe*:

Recebam todos um fraternal abraço do vosso camarada Manuel Peres.

Chegado do desterro que me foi imposto em uma aldeia da provincia de Huelva, desterro que durou dois annos, aqui estou decidido como nunca a luctar pelo ideal libertario.

Acabamos de fundar o Grupo Anarchista Optimos, para o qual solicito a remessa de vosso jornal, para que possamos ter noticias das luctas proletarias na republica ideal dos Epitacios e Geminianos.

Enviaremos os jornaes libertarios daqui.

Um fraternal abraço a todos os libertarios de S. Paulo do

Manuel Peres.

(Ex-secretario da Alliança dos Trabalhadores em Marcenarias do Rio de Janeiro, deportado no «Benevente», de celebre memoria)».

Ao camarada Peres, victima da furia reccionaria dos potentados desta terra, enviamos saudações d'*A Plebe*, da *Lucta Social*, e o Grupo Propaganda Social do Rio de Janeiro.

Aqui, d'el-rei!

Muito se tem discutido sobre essa coisa a que chamamos Estado. E a conclusão que tiram de todas essas dispulas os que pensam por si, é a seguinte: «Estado vem a ser uma quadrilha, ou syndicato, conforme o paiz e os tempos, cujos membros se organizam e se revezam, para usufruirem o melhor dos latifundios, onde um rebanho de homens trabalha, e se apascenta das sobras».

Eis uma these facilima de provar, a quem possua ligeiros conhecimentos de historia. E, ao que dizem os periodicos europeus, falando do luxo que ostentam os delegados bolchevistas, na Conferencia de Genova, a mais forte das reacções contra o velho Estado caiu no mesmo vicio que a instigara á revolta. Quer isto dizer que não ha outro remedio? Talvez... Emquanto a humanidade fôr grei, deve ter pastores, e o symbolo do pastor é o cajado, que, nas mãos de um rei, se chama sceptro, e chicote, nas unhas de um arreeiro.

«Lá onde acaba o Estado—olhai, meus irmãos! Não vedes vós alli o arco-iris e a ponte do Superhomem?»

Assim falou Zarathustra... Mas quantos poderiam comprehendel-o?

Diz Nietzsche que o Estado «é o monstro mais frio de todos os monstros frios: mente friamente, e eis a mentira que a baba de sua bocca: *Ich, der Staat, bin das Volk* —Eu, o Estado, sou o povo.

E' uma mentira! Eram creadores, aquelles que crearam os povos, e que suspenderam por cima dos povos uma fé e um amor: dest'arte, elles serviam a vida.

São destruidores, aquelles que armam ciladas ao grande numero, e que chamam a isso um Estado: suspendem sobre elles uma espada, e cem appetites».

Uma coisa se deve aconselhar aos homens de espirito, aos que pensam por si, áquelles para quem é melodia unica a voz da necessidade: appellem para o Estado o menos possivel. Na ordem das idéas, não ha conciliação entre os homens de espirito e os homens de Estado...

E' por isso que me soou mal aos ouvidos a resolução da Liga Pedagogica, recorrendo ao Estado, para que a ensinasse a escrever a lingua, para que lhe indicasse a graphia exacta de... Brasil.

Deixemos isso para os povos envelhecidos nas idéas velhas. Os homens intelligentes bem poderiam disciplinar-se, em qualquer campo, sem ordens de commando nem sobrecenho de generaes... Decretam por si mesmos, e cumpram os seus decretos. A plebe os seguirá, e o governo virá atraz. Vão longe os tempos do «aqui, d'el-rei!»

***

O povo crê na omnisciencia do Estado. E isto, numa época em que o Estado falliu por completo, na velha Europa, onde os particulares enriquecem e o Estado vai a caminho da miseria.

E, o que é peor, ou melhor, não sente já forças bastantes para se apoderar do alheio, em beneficio proprio, ou do syndicato.

Todos sabem que foi a questão do lançamento de impostos que mais revoltas suscitou, entre o povo. Dessa revolta, nasceram o Parlamento, na Inglaterra, e a grande revolução, na França. Mas o Parlamento, que deve fixar a despeza, é o mais interessado no syndicato politico, que outr'ora se poderia chamar quadrilha...

Napoleão disse que o commercio é o roubo legalizado. O Parlamento, como parte maior do syndicato, aveza regalias mais extraordinarias: decreta as proprias leis que melhor sirvam aos seus interesses.

E, não só indirectamente, como se tem visto, a cada passo, em nações varias, mas, de um modo revoltantemente directo, fixa o seu proprio ordenado, ou como lhe quizerem chamar.

. . . . . .

J. M. GOMES RIBEIRO.

(Editorial d'*O Paiz* de 17 de Maio, 1922).

"Ne nous illusionans pas"

Assim é, o titulo de um folheto de Jean Grave do qual publicamos um fragmento:

«Voltemos ao exemplo da Russia.

Dizem que têm-se estabelecido o trabalho obrigatorio para todos.

Isto não é, mais que uma mentira.

O trabalho productivo é, como na sociedade burgueza, lançado sobre uma parte da povoação que o executa debaixo de uma disciplina de ferro.

Porém, para impôr este regimen, foi necessario crear um exercito formidavel.

O regimen tzarista tinha uma policia verdadeira peste que atormentava e perseguia ao povo de uma maneira infernal: *Os Soviets* têm a *Tcheca* que pelo que se vê, não excede em arbitrariedade e terror, a policia tzarista.

Inutil é, dizer que é tanto o mais numerosa que a anterior.

Emquanto a burocracia, é tão rotinaria, minuciosa e inutil como a que têm substituido, tendo ainda multiplicado seus tentaculos.

Valia a pena para isto se fazer uma revolução?

Ahi! esquecia-me, têm-se fixado os alimentos em parcellas, para a povoação; tem sido a força; nada temos que dizer; e aos burguezes ficou-lhe fixado um arenque e meio; entre tanto aos tradalhadores percebiam tres.

Eis ahi o que escistava a admiração dos nossos extremistas e de numerosos camaradas.

Até que ao fim, os burguezes conhecem a fome.

Isso justifica tudo!

Porém ainda isto não é mais que um logro: posto que o dinheiro conservando parte do seu valor de cambios, permittir-lhes aos burguezes a fortuna de procurar-se, ás escondidas, o que lhes falta, emquanto que os obreiros são forçados a contentar-se com os seus arenques.

A autoridade de abaixo, não é mais respeitavel que a de arriba. Talvez seja peior. E se o espirito de vingança é, o que ha de presidir as relações sociaes, ellas não serão outra coisa que o producto de uma inconsciencia!»

União dos Operarios em Construcção Civil

No proximo dia 10 de Junho circulará com o titulo «O Trabalho», o primeiro numero d'este semanario, destinado a defeza e orientação do proletariado syndicalista-libertario, organizado no Rio de Janeiro.

Movimento Operario

A Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, de ha tempos que lucta com difficuldade devido a desorganisação existente no Rio; empregando todas as suas energias para vêr se podia chegar a um accordo, crê, o confusionismo, devido a um mal entendido entre as attribuições dos componentes do Comité Federal, e a delegação da União dos Operarios em Construcção Civil, e, fazendo um appello ás organisações federadas para uma reunião, o resultado foi negativo; tendo-se desfederado, como acto de solidariedade a União dos Operarios em Construcção Civil á Alliança dos Operarios em Calçados, cogitando estarem de accordo para a formação d'uma nova Federação em bases radicalmente libertaria.

Continuando na Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro algumas organisações, todas ao bom dizer uma minoria e em decadencia, devido a má comprehensão dos trabalhadores, o que é de lastimar.

União dos Alfaiates

Com a presença de regular numero de associados e das delegações da União dos Empregados em Padarias, Centro das Pedreiras, Marmoristas e Associação dos Trabalhadores em Marcenarias, foram abertos os trabalhos, tratando-se, logo após á leitura do expediente, do caso da Federação que ultimamente tem prendido a attenção dos trabalhadores desta capital.

Todas as classes representadas por intermedio de suas delegações, foram unanimes em julgar acceitaveis e satisfactorias as actuaes bases da Federação; propondo-se a collaborar em conjuncto para o reerguimento da mesma, synthetisando-se estas resoluções em duas moções apresentadas á mesa, uma pelos alfaiates e outra pelos representantes dos marceneiros, que sendo muito embora differentes de redacção, o sentido era exactamente o mesmo.

As moções approvadas podem-se resumir no seguinte:

Considerando que a F. T. R. J. é um organismo indispensavel para a boa organisação dos trabalhadores e o necessario entendimento entre os mesmos;

Considerando que embora se hajam desfederado algumas classes, ultimamente não é motivo para que as actuaes federadas não façam o moximo possivel por reorganisal-a;

Considerando que as suas bases satisfazem ainda os trabalhadores nas suas aspirações e necessidades de accordo com o ambiente actual;

Considerando, finalmente, que devido á manifesta má vontade observada nas ultimas reuniões, não se chegou a nenhum accordo tendente a harmonisar as associações que tomaram parte nessas reuniões;

Propomos que as actuaes classes federadas aqui reunidas, resolvam em principio, sustentar a Federação e fazer o maximo possivel de conseguir a adhesão das classes não federadas e expor claramente as finalidades da mesma, que são o Syndicalismo Revolucionario, tendo por meio a acção directa e apoiada nas resoluções do Terceiro Congresso Operario Brasileiro,

Foi ainda approvado ser enviado um officio ás classes que por ultimo que se desfederaram, scientificando-as destas resoluções e convidal-as a voltar novamente ao seio da Feeração.

Esse officie será assignado pelas cinco associações reunidas.

———

São Paulo d'A PLEBE:

Pela reconstituição da Federação Operaria

Preoccupa presentemente a attenção dos militantes dos syndicatos existentes em S. Paulo uma iniciativa de alto alcance para a obra da organisação proletaria: a reconstituição do organismo federativo da classe trabalhadora,

Desde a cessação da actividade da União Geral dos Trabalhadores, que substituiu a antiga Federação Operaria, que se sentia a falta da instituição que estabelecia as relações entre as organisações obreiras de S. Paulo.

Com o accordo feito entre os syndicatos para a commemoração do 1.º de Maio surgiu a inicialiva de se tratar de reconstituir a associação das associações.

Tendo em mira esse grande objectivo, realisou-se-ha dias uma reunião dos representantes dos syndicatos caracteristicamente de resistencia em actividade para tomar deliberações a respeito.

Após proveitosa troca de ideias, ficou assentado a constituição de uma commissão provisoria, encarregada de ventilar o assumpto nas assembléas syndicaes e provocar a nomeação de delegados que deverão formar uma nova commissão, a quem incumbirá a tarefa de levar a cabo os trabalhos definitivos de reconstituição do organismo, federativo.

E' uma explendida iniciativa que deve ser levada a effeito sem hesitações e com enthusiasmo.